

RENOVAÇÃO



NUMERO 23

Renovação

REVISTA QUINZENAL DE ARTE, LITERATURA E ACTUALIDADES

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE CADA MÊS

Director: *Santos Arranha* * Editor: *Alexandre de Assis* * Propriedade da Secção Editorial de «A BATALHA»
Officinas de composição e impressão: *Imprensa Beleza — R. da Rosa, 99 a 107*
Redacção e Administração: *Calçada do Combro, 38-A, 2.º — Lisboa* — Telefone: *Trindade 5 3 9*

SUMARIO do numero anterior:

A MORTE DOS APÓSTOLOS, por *Ferreira de Castro*. — O APÓSTOLO E O GUERREIRO, soneto de *Bento Faria*. — O DIREITO À VIDA E A FALTA DE SANIDADE NOS BAIRROS POBRES, (com gravuras). — A CRIANÇA COMO MOTIVO ARTISTICO (com gravuras). — O ALECRIM, A HERA E O ROSMANINHO, por *Ladislau Batalha*. — O CINEMA MODERNO E O SEU PAPEL ARTISTICO E EDUCADOR, por *F. de C.* (com gravuras). — FILHOS DE RICOS, por *Nogueira de Brito* (com gravuras). — UM GRANDE PINTOR DOS OPRIMIDOS, por *Eduardo Frias* (com desenhos de *Steinlen*). — O MUNDO CURIOSO. — ACTUALIDADES GRAFICAS: O Congresso das Juventudes Sindicalistas; O Sindicato dos Empregados de Comércio e Indústria; De Lisboa aos Açores pelo ar; O pessoal dos tabacos; As manifestações do 1.º de Maio no Pôrto; O «Socorro Vermelho»; A Casa do Povo de Moreira da Maia. — NA CAPA, desenho de *Frederico Augusto Neto*.

Ano I — Numero 23

Lisboa, 1 de Junho de 1926

Renovação

A IDEIA EVOLUTIVA DA JUSTIÇA



Justiça é um sentimento evolutivo — um grande rio que flue desde as montanhas dos seculos mais remotos, alargando sempre o seu caudal.

Foi sentimento antes de ser ideia. Foi intuição antes de ser aspiração.

Os poderosos, os dominadores das épocas mais antigas, não permitindo que houvesse justiça na terra, levaram a Humanidade a acreditar nessa abstracção que é a Justiça no ceu... Mas esse anelo dum ser que fosse justiceiro, embora estivesse fóra de tudo o que é concreto, indica bem que o sentimento de justiça já vibrava no espirito dos nossos mais rudes antepassados.

Simplemente a humanidade tem evoluído tanto, que muitas vezes aquilo que ontem era Justiça, hoje é iniquidade.

De justiceiros foram proclamados esses exploradores de carne humana, que ao mesmo tempo que castigavam o escravo, castigavam o feitor.

Justiceiro foi outrora Pedro, o «Cru», quando ele na realidade, por mais que lhe romantizem os gestos barbaros, ele não passava dum homem-fera.

Justiça foi tambem o sacrificio de muitos, em vez, dum só.

Tudo, porem, evolue — e a ideia da Justiça, como a sua irmã, a Liberdade, não se pode furtar a essa marcha para a vanguarda.

E essa evolução tem-se dado com a evolução dos instintos, das ideias e dos sentimentos.

Hoje não admitimos que seja justiça, isso que se fundamenta no sacrificio, no castigo e na vingança. Os proprios jurisconsultos burgueses, afirmam que a prisão não deve ser um castigo, mas um meio de correcção, de reeducação. E nos países onde ainda existe essa odiosa instituição que é a pena de morte, ela já não é justificada em nome da vingança, mas sim com o sinistro argumento de que é preciso dar exemplos de implacaveis punições, para assim se evitar novos delinquentes...

A linha evolutiva da Justiça é já, portanto,

muito longa. E se deitarmos um olhar retrospectivo á Humanidade, vemos que esta caminha, embora vagarosamente, para os dominios da Rasão e da Inteligencia. Deixando abandonados á margem da sinuosa via, arcaicas ideias, velhos preconceitos, terriveis dogmas.

Contudo, se a nossa época marca já uma extraordinaria evolução sobre o antigo criterio da justiça, essa evolução não corresponde ainda aos anelos do presente, a orientação da nova mentalidade.

Essa Justiça burguesa, essa justiça que ainda hoje predomina, essa justiça que tem o olhar vendado para melhor esconder a parcialidade que os seus olhos não podiam deixar de reflectir; essa justiça que perde a sua imobilidade para afagar os poderosos, estendendo sobre eles um dos braços em gesto de absolvição, enquanto o outro, atirando por terra essa simbolica balança onde a mesma culpa tem pesos diferentes, cai implacavelmente sobre os fracos, sobre os desprotegidos do Ouro; essa justiça que é como um bonzo, indifferente a todo o movimento inovador, a todas as ideias novas, porque a sua ôca cabeça está cheia de dogmas, de ideias-feitas; essa justiça venal, corrompida, que fica a soldo do primeiro que lhe oferece algumas moedas; essa justiça em nome da qual os grandes potentados vivem, exploram e traficam, espesinhando as colectividades, destruindo todos os direitos; essa justiça que é hoje a mais fortê arma duma sociedade iniqua, não representa, não interpreta os anseios dos espiritos modernos.

Por muito distante que ela esteja das barbaries do passado, está ainda muito para traz da verdadeira mentalidade do presente.

Para a amplitude do novo criterio de justiça, para as actuais aspirações duma sociedade justa, essa falsa justiça que hoje predomina é uma afronta.

Até agora, é certo, a realização de novas aspirações só chegavam seculos depois delas terem tumultuado na alma humana.

Para que vencesse a Nova Rasão, que nunca era a Rasão definitiva, mas que era sempre a Rasão verdadeira dentro da propria evolução da Verdade, foi necessario que o tempo em longo

periodo destruisse pouco a pouco o exercito dos dogmas, prontos sempre a resistirem em nome de velhos, consagrados e odiosos interesses e criterios.

Mas hoje, que a Inteligencia e a Rasão são valores bem medidos, bem aquilatados, o tempo já não devia representar o seu antigo papel. Protelar a realização das novas concepções ideologicas, dos novos principios de Justiça, é protelar a iniquidade.

Nós, os homens de ideias novas, temos de apressar a realização de tudo aquilo que pela

evolução só muitos anos mais tarde se conseguiria.

E' necessario que sobre a fonte, que está oculta, mas cuja existencia é conhecida, não morram mais sedentos.

Chegamos ao momento em que o proprio conceito da Evolução é obrigado a evoluir...

Ferreira de Assis

AS FALSAS DIVINDADES

Fatima é um exemplo de ignorancia e um motivo de especulação

Eu sei que, ao pegar na pena para atacar uma divindade imaginaria, lanço, desprezivelmente, o meu tempo nos mares de olvido.

Desde há muito que o meu espirito conhece a inutilidade de se atacarem idolos que são os frutos duma ingnorancia e o motivo de falsas admirações. E quando digo inutilidade não quero atingir o objectivo de que todo o ataque é inutil. Eu não considero o ataque um gesto inutil, antes a afirmação da nossa atitute perante um espirito odioso.

Porque escrever sobre uma atitute insincera, é elevar essa atitute a ponto de que toda a gente dela tome conhecimento, celebrizando-a.

Porisso o silencio esmagador é a melhor arma de ataque. Faz morrer todas as atitudes, mesmo as mais alevantadas.

Assim, eu não devia atacar a crença insincera dos peregrinos que se arrastam até Fátima. Mesmo ninguem se devia referir á sua romagem, que exala um cheiro a antiguidade, para que ninguem a conhecesse, aniquilando-se, assim, todo o objectivo do catolicismo em suggestionar, fortemente, os espiritos tímidos, as almas fracas que batem, com desespero, no peito deprimido, *mea culpa*, ante algum idolo de barro.

Mas agora que a popularidade coroou dum falso exito essa peregrinação espetaculosa, eu sinto que todo o homem de elevada cerebração, todo o espito livre do obscurantismo, se devia manifestar.

Todavia não é essa atitute da nossa mentalidade — esta geração de castrados que não tem uma pena de ataque, um escalpelo critico, pará dissecar todos os abortos, os inumeros fetos e cadaveres que o ventre imundo e noyento duma sociedade podre lança á luz.

Poucos foram os bravos de revolta que ecoaram em minha alma como protesto contra essa crença egoista — a sugestão da cura, baseada numa divindade que não existe.

Por isso, porque não se tem levantado uma formidavel barreira de ataque, com o fim de deter a marcha sombria do catolicismo, o povo inculcto, as multidões ignorantes, continuam a aceitar, dogmaticamente, os milagres de Fatima, como o povo francês, embora mais superior e civilizado, se extasiava na contemplação duma virgem de Lourdes, que toda a humanidade, infelizmente conhece, e que derruiu aos formidaveis golpes da pena feita clava, vibrada por Zolá.

Embora o prestigio dessa madeira cinzelada, que se chama Fatima, não seja tão universal como foi o de Lourdes, embora esta peregrinação não seja tão imponente como essa, era necessario que surgisse um novo Zolá para derrubar, a golpes da sua pena demolidora, a sua triste popularidade, para que o obscurantismo se evadisse de todos os cerebros, exilando-se de todas as almas, e a insinceridade que reveste tão grotesca romagem fosse desvanecida pelo vento da Verdade.

Porque hoje quem vai a Fatima não é com o desejo legitimo da cura, mas sim por *sno-bismo*, como o nosso mercieiro vai até á praía de Espinho ou um menino de cabelo perfumado, e que redige contos, extaciona á entrada da *Brazileira do Chiado* — esse afamado café de má lingua.

Mesmo, todos aqueles que recorrem, como um brado supremo, á sugestão duma divindade, são os fracos, os doentes, os cansados fisicamente, que não teem ardor para a luta e cujo unico desejo é sentirem-se libertados da doença

que os esmaga. Devemos sentir compaixão por essas almas fracas, tímidas, que não pensam, imersas na Dor.

A sua peregrinação ao local sagrado não tem sentido religioso, e não preside nela a fé. Antes é uma esperança ilusória, que muitos tuberculosos, duma palidês tumular, alimentam, sorrindo tristemente, resignadamente.

E' o unico madeiro, já fracturado, que voga á superfície do sombrio pelago da Dôr Humana.

Não devemos acusar essa timidês que ataca todo o doente, adormecendo-lhe, no espírito-as ondas da rebeldia mas sim aqueles que, servindo-se da fraquês dos tímidos, negoceiam vilmente com estes, propagando o veneno em todos os corações, e insinceramente pretendem impôr uma crença morta, desde há muito abafada pela revolta dos pensadores, negando assim todo o desinteresse que esta peregrinação devia revestir, dentro do seu objectivo religioso.

Fátima é um negocio infamante que, decerto, devia atraír as surdas coleras de Deus, no caso de ele habitar as solidões luminosas do infinito.

Mas como Jeovah morreu há muito e todos os espíritos arrojados sabem que ele é um farrapo sujo, dum vestido que foi novo, os negociantes da fé continuam a rir-se da ingenuidade e da fraquês desses peregrinos, alguns já estropiados, que precisavam descanso num sanatorio, e não a longa caminhada que seus pés conseguem trilhar.

Arrastar-se até Fátima é hoje uma moda. Um *snobismo* que só os burgueses podem satisfazer.

E são eles, em maioria, que visitam o santuario sagrado.

São eles que formam maior legião. Os outros, aqueles que sofrem nas mansardas, o frio e a desolação — os que sorriem desiludidamente, ao ouvirem o prestígio dêsse numero não conseguem arrastar-se até esses logares tristes e escalvados, áridos e silenciosos, que lembram a Galileia.

Porisso a peregrinação não é alimentada pela fé; o motivo dessa romagem é o *snobismo* estúpido das castas burguesas. Jámais um mar humano em que houvessem gritos de Dôr, gemidos e soluços de sofrimento, uma peregrinação dolorosa em que todas as manifestações fossem sinceras.

Mas um espectáculo em que o dinheiro se desvanece, se perde, com o fim de se erguerem moradias, recintos sagrados á divindade aparecida. Com esse dinheiro que tudo vale, esse ouro sarcástico que ri, tornado metal pelo trabalho das maiorias, se compram mantos preciosos, capas de setins azues, bruladas de oiro, diademas de rubis e esmeraldas preciosas, para adornar uma figura de madeira.

E, no entanto, ha tantos miseraveis que teem fome, tantos velhos sem casa a dormirem, nos



Na peregrinação a Fátima'— Um quadro de fanatismo religioso

portais, á chuva cruel e agressiva. Tantos parias sem trabalho que o ambiente converte em criminosos e depois se julga com o direito de julgar e condenar.

Na hora em que tudo devia lutar, esforçando-se para atenuar a Dor Humana, as almas, envenenadas pelo fanatismo religioso que tenta surgir, estasiavam-se na contemplação de falsas imagens, enquanto o mundo geme, se contorce, dolorosamente, como se a agonia o sufocasse. E eu, quando sinto a realidade desta peregrinação, julgo-me num seculo esquecido; num passado remoto, sem personalidade, vivendo na treva, como os homens de antanho. Julgo estar envolvido por um sonho que já foi realidade.

Sinto-me envelhecido ao contacto dessas pessoas que creem nos milagres, nesses fenomenos, há muito explicados, da sugestão. No século actual não deve haver fanatismo nem temor; antes uma coragem para a luta imensa que sacode as almas juvenis. Portanto, esqueçamos todas as manifestações reaccionarias, demolindo o existente, combatendo esses espiritos que deviam ter nascido alguns séculos atraz.

Eugenio Navarro

A CURA DA TUBERCULOSE

A "Sanocrisina" como agente terapeutico

Cifras tragicas — Opiniões insuspeitas — O soro Moelgard — Uma conversa com o director clinico do Sanatorio Vasconcelos Porto — O arsenal anti-tuberculo de Portugal

Uma mancha alarmante se distingue nas estatísticas demográfico-sanitarias: é a das taxas mortuarias da tuberculose. Essa mancha tragica pelo seu colorido e significado, diz-nos que dos 116.000 portugueses falecidos anualmente 20.000 foram vitimas do terrivel *morbus*.

A cura da tuberculose, mau grado os esforços dos mais conceituados tisiologistas, ainda está por descobrir.



No consultorio do Sanatorio de S. Braz de Alportel

O enfermo, galgada a fase inicial da doença e quando as nuances da infecção estão desenvolvidas, já não consegue curar-se.

Só quando não se tenha atingido aquele grau é que se consegue a cura. Para isso mesmo é mister que o remedio seja oportuno. Para isso, segundo a indicação superior de uma das maiores sumidades contemporaneas, o dr. Fausto Lopo de Carvalho, é indispensavel não só que o doente, ao minimo sintoma de fadiga, de inapetencia, ou de bronquite um tanto arrastada, procure um clinico que o observe, como também que este clinico saiba interpretar devidamente os sinais da infecção.

Há meses, um professor da Faculdade de Medicina de Copenhague, o dr. Moelgard, anunciou que tinha descoberto a cura da tuberculose.

No espirito dessa legião de tuberculosos abriu-se uma grande clareira de esperanza. Ao terrivel bacilo de Koch seria decretada a sua extradição. E jámais os seus frios os atormentariam e jámais as hemoptises os sufocariam...

Para a capital da Dinamarca correu o mundo scientifico a estudar a eficiencia do tratamento pelo soro do dr. Moelgard. Das suas investigações falou a imprensa largamente.

Transportado para Portugal o invento do professor dinamarquês, nos hospitais civis e militares iniciaram-se os primeiros ensaios.

Os resultados, triste é confessá-lo, não foram muito lisongeadores. A «Sanocrisina» não é a ultima palavra na cura da tuberculose.

A «Sanocrisina» é, segundo a opinião de alguns medicos com quem falámos, mais um agente comercial que terapeutico!

Ha dias, numa missão jornalística, visitámos o Sanatorio Carlos Vasconcelos Porto, em Alportel. Com o seu illustre director clinico dr. sr. Alberto de Sousa falamos

durante alguns minutos sobre a cura da tuberculose e o soro de Moelgard.

Por serem de uma flagrante oportunidade e de um grande interesse publico as declarações deste distinto tisiologista, vamos dá-las à estampa.

A cura da tuberculose, principia o dr. Alberto de Sousa, na sua *etape* inicial consegue-se numa percentagem nunca inferior a 80 por cento. Como disse Grancher é de todas as doenças cronicas a que mais vezes e mais facilmente se cura. E acrescenta:

— Como em regra o enfermo só recorre ao clinico quando a doença saiu desse ambito, sucede que ela não pode ser jugulada. Daí a explicação clara por que a maioria dos tuberculosos não se curam.

— Mas a «Sanocrisina» não atende em casos de lteração pulmonar? — arriscamos.

— A «Sanocrisina» pode ser um admiravel agente profilatico de combate á tuberculose. Porém eu não lhe encontrei ainda requisitos muito recomendaveis.

A' guisa de comentario:

— É' verdade que no estabelecimento que eu dirijo ainda não fiz as experiencias convenientes. E não realizei essa experiencia pela simplicissima razão deste Sanatorio não possuir condições para uma empreza dessa responsabilidade.

— Alguns medicos afirmam a sua concordancia com o soro do dr. Maelgard...

— Eu tambem não discordo do invento do meu illustre confrade dinamarquês. Já referi que a «Sanocrisina» pode ser um belo agente profilatico. O que eu não fiz, apesar dessa concordancia, é asseverar que a «Sanocrisina» é a ultima palavra. Não o fiz e só o faria quando experimentalmente me fosse provada a sua eficacia.

— De maneira que a descoberta da cura da tuberculose...

— Sim, sim. A cura da tuberculose está ainda dependente de outras investigações, está ainda dependente de um mais profundo estudo.

«Entretanto pensemos na maneira de conseguir que a tuberculoidade decresça, modificando o meio ambiente que envolve tragicamente uma multidão de proscritos da vida. A fechar a entrevista:

— Cuidemos a serio na defeza anti-tuberculosa a evitarmos que um país onde morrem 20.000 tuberculosos por ano apenas possua: Sanatorios para tuberculosos adultos: Sousa Martins (30 camas para pobres); Popular de Lisboa (64 camas), Portalegre (20 camas), São Braz de Alportel (privativo dos ferro-viarios do Estado — 30 camas). Sanatorios para crianças: Carcavelos (95 camas), Parede (120 camas) Outão (120 camas), Valadares (30 camas), Celfa (fechado). Dispensarios em Lisboa, Porto, Viana do Castelo, Faro, Bragança e algumas enfermarias no hospital do Rego, em Lisboa, completam o nosso arsenal.

«Para se avaliar — conclue o dr. Alberto de Sousa — o interesse que alguns países estrangeiros dedicam ao problema anti-tuberculoso basta saber-se que a Suecia, igual em numero de habitantes a Portugal, e a Belgica e Suissa bem mais pequenos do que o nosso, possuem: Suecia: Dispensarios, 170; Sanatorios e hospitais-sanatorios, 70. Belgica: Dispensarios, 107; Sanatorios, 12; Preventorios, 4. Suissa: Dispensarios, 106; Sanatorios para pobres, 23; numerosos pavilhões de isolamento nos hospitais, e numerosos preventorios.»

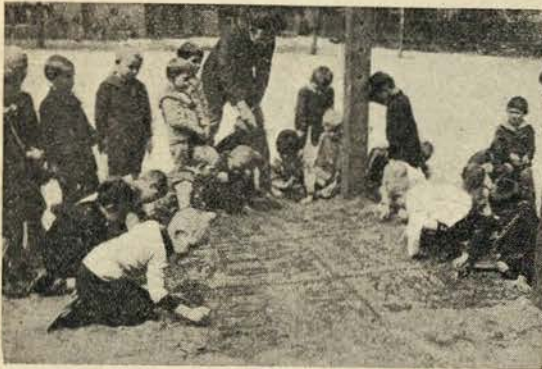
Alfredo Marques

DO PASSADO PARA O FUTURO

COMO TRANSFORMAR A ESCOLA

EM VEZ DE LIVROS, FERRAMENTAS, EXCURSÕES, DEMONSTRAÇÕES
PRÁTICAS, AMENAS PALESTRAS SOBRE TUDO QUANTO PRENDA A
ATENÇÃO DAS CRIANÇAS.

Os velhos métodos de ensino, odiados e odiosos, estão sendo alvo duma justa campanha. O processo esterilizante da educação por meio de compêndios, que ministram definições como pílulas, que é forçoso ingerir, isto é, de-



As crianças gozam escrevendo na areia

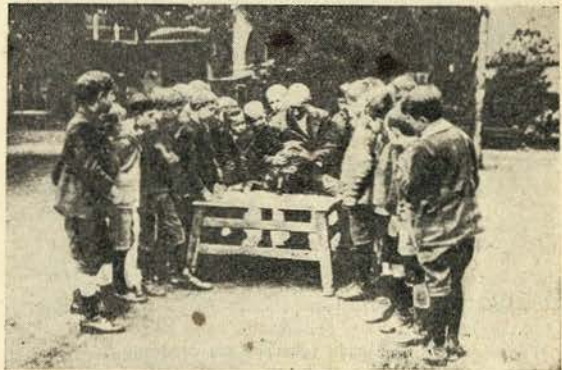
corar, quer se compreenda ou não o que elas querem dizer, vem de ha muito merecendo a re-provação indignada de todos quantos, com sinceridade, abordaram o problema da educação infantil.

De facto, os livros que, pela vida fóra, se tornam os mais úteis companheiros do homem, são na sua infância um pesadêlo que cumpre afastar. Nos primeiros anos da vida, quando o espírito começa a desabrochar, ansioso de conhecer o porquê das coisas, a doutrina escassa dos compêndios, restringida ao âmbito estreito de formulas que só para os cérebros já desenvolvidos teem significado, longe de trazer a luz por que anseiam os pequenitos, incute-lhes uma especie de horror ao desconhecido, o receio imenso e intuitivo de nunca mais poder atingir o significado dos mais simples problemas da Natureza. Dir-se-hia que não se trata de fazer brotar a inteligência, mas sim de asfixiá-la sob a avalanche das difinições abstractas, que nada dizem ao entendimento restricto das crianças.

E, no entanto, é tão fácil educar as crianças, despertar-lhes o interêsse por todos os ramos da cultura humana! Porque todas as sciências teem uma parte intuitiva, experimental — e, em-

bora o porquê dos factos observados tenha de ir colhêr-se mais tarde nos livros, êstes são completamente inúteis, absolutamente prejudiciais, quando se trate de chamar a atenção da criança para os fenómenos simples ou complicados da fisica ou da quimica, da biologia ou da botânica

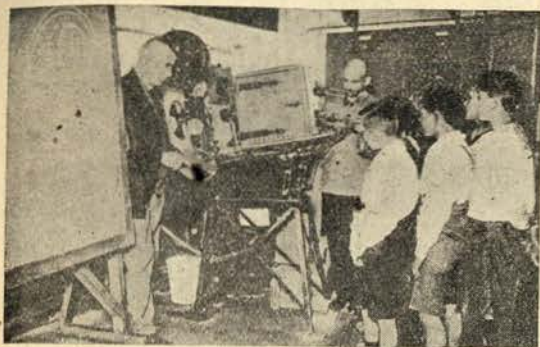
Toda a criança procura reproduzir, por suas próprias mãos, os objectos que vê, desde os mais simples, como sejam o machado ou a enchada de que serve o pai, ao mais complexo, como a locomotiva que passa silvando pela aldeia ou o transatlântico enorme que fundeia no porto mais próximo. Porque não aproveitar inteligentemente essa propensão inacta? Para que arrancar das mãos da criança a faca com que procura dar forma a um pedaço de pau, para nelas introduzir um livro que de agradável só terá uns tantos bonecos e as margens brancas para cobrir de caprichosos desenhos? Não seria bem melhor guiar essas mãos inábeis, auxiliá-las, e, analisando a propensão verdadeira da criança para esta ou aquela profissão, aproveitá-la? O prazer de haver construido um interessante modelo não poderá comparar-se nunca á alegria ficticia de dar uma boa lição, papagueada, repetida monocórdicamente, com a inconsciência duma máquina falante.



Uma lição de historia natural

As nações que caminham na vanguarda do progresso estão substituindo a escola primitiva pela escola-oficina. Trata-se de ministrar o en-

sino, não por meio de livros, mas sim com demonstrações práticas. Não é lendo que a criança aprende, mas sim vendo, tocando e experimen-



O cinematografo abre á pedagogia horisontes desconhecidos

tando. Depois, o seu proprio espirito de análise a levará a esquadrinhar o porquê do que viu ou tocou, e assim entrará a seu tempo em scena o livro, não imposto, mas reclamado pelo espirito apto já para compreendê-lo.

Na Noruega, e na Suecia, as escolas d'êste género são já numerosas. Na Alemanha, procura-se principalmente ensinar á criança o funcionamento de tudo quanto lhe chama a atenção os princípios intuitivos de mecânica, os fenómenos diversos, afim de criar o gosto pelas diferentes maravilhas da Sciência e de evitar a formação das ideias falsas. E assim uma criança-pode, antes de saber ler, saber como funciona o telégrafo, o telefone, o cinema, os filmes das estrelas, as leis imutáveis da Natureza. Ali, a par de cuidados proficuos de Higiene e ginástica, ministrados sob a forma de agradáveis digressões,



Nesta area cada criança é um quadrado...

ha as lições práticas na praia e nos jardins, onde um búcio ou uma flor serão sempre óptimos assuntos para um instructiva e interessante digressão pelos domínios da Zoologia ou da Botânica.

Um outro principio verdadeiramente útil é o de levar o individuo a bastar-se a si mesmo, — exactamente como êsses simpáticos herois de Júlio Verne, que, sózinhos fabricavam todos os utensílios de seu uso, o vestuário a casa, etc.

Tudo isto combinado tornará o individuo apto para as lutas da Vida. Quando fôr para a oficina, saberá muito bem o que lhe serve melhor, conhecerá as suas aptidões e poderá applicá-las em seu proveito com inteligência. Avaliará com segurança os livros, e saberá procurá-los a seu tempo, quando o natural desejo de completar os conhecimentos de que praticamente dispõe o levar a buscar neles a explicação cabal dos factos que observou. Educar-se-ha então conscientemente, amorosamente.

Evidentemente que nem por todas as pessoas serão bem acolhidos os princípios aqui enunciados. Muitas ficarão pensando que isto de



Ensino da geometria

converter a escola numa oficina, e ensinar como se joga o eixo de preferência ás sólidas bases da História e da gramática é um absurdo. Então neste país, onde ha uma serena e estúpida admiração pelo latim e pelos clássicos...

Acabe-se pois com os compêndios torturadores dos cérebros tenros. Duma vez para sempre compenetrem-se os pedagogos de que despertando na criança o interêsse por êste ou aquele facto ou fenómeno, ela procurará conhecê-lo em todas as minúcias, indo, quando o seu espirito não se satisfizer com aquilo que seus olhos veem e seus dedos palpam, procurar nos livros o porquê final, a ultima conclusão do saber humano sôbre isso que o interessa. Nada se perderá — antes se ganhará tempo, e a escola deixará de ser, de uma vez para sempre, o edificio sombrio e odiado para se transformar no recreio mais desejado.

Alberto de Magalhães

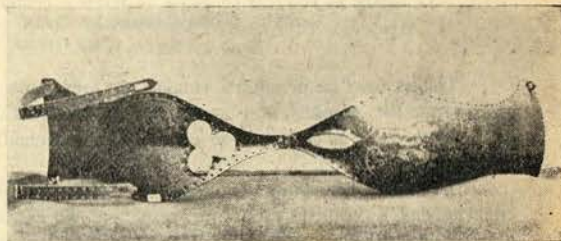
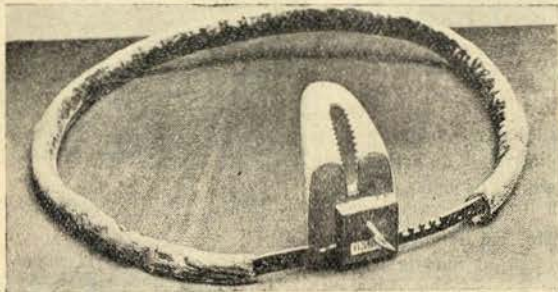
O BARBARISMO DA IDADE MÉDIA

O «CINTO DA CASTIDADE» QUE OS MARIDOS MEDIEVAIS IMPUNHAM ÀS ESPOSAS, AO PARTIREM EM BUSCA DE AVENTURAS.

Apesar de todo o nosso pessimismo e da severidade com que merece ser olhada a época presente, algumas coisas há que a tornam menos odiosa, que a salvam da execração, que de direito pertence às idades passadas — a esse período tenebroso da História, denominada Idade Média, que, acima de todas as épocas, assinala as maiores misérias, os mais hediondos crimes, as violências mais abjectas. Essa Idade, por uma ironia denominada «dos Cavaleiros», sôbre a qual nunca se fez luz suficiente, oculta, nos mistérios da sua história, entretecida de lendas, e tão emaranhada que nunca se conseguirá separar a verdade da fantasia, brutalidades tão revoltantes que bas-

ao pelourinho da infâmia a idade decantada dos pagens galanteadores e das castelãs ativas. Idade de miséria moral, em que era necessário uma cintura de ferro para salvaguardar a honra convencional dos maridos, o mesmo é dizer que a prostituição das grandes damas dependia apenas duma fechadura mais ou menos sólida.

Mas basta, que confrange e enjoa a evocação de tais baixezas. Deixemos às idades passadas os seus crimes; mas, quando a onda do pessimismo vem, é bom um relancear de olhos para o caminho andado. Se muito falta a percorrer, enorme é já o que avançamos. Separa-nos da Era Livre uma distância infinitamente inferior àquela a



Dois modelos de «cintos da castidade»

tam para a condenação absoluta dêsse período de barbarismo.

Quando, em anos idos, a leitura dos romances que exploraram essa época tremenda, arrancando-lhe motivos de Beleza, ou especulando com herois de façanhas impossíveis, prendia o nosso entusiasmo, e nos arrebatava para o sonho da revivescência dessas raças nobres e generosas, ativas e fortes, mal pensavamos que, por detraz dessa hipotética cavalaria andante, se mascarava a desconfiança mais insultuosa, a mais hipócrita e brutal noção da honra e do dever.

As duas gravuras que ilustram êste artigo não carecem de explicação. Reproduzem dois «cintos de castidade», dêsses com que os «bravos» da Idade Média cingiam as cinturas de «suas donas», quando partiam em busca das fáceis aventuras da guerra, da pilhagem e da chacina.

Generosos tempos! Qual a mulher que, ao sentir fechar o cadeado «guardador» da sua honra, não teve o desejo de escarrar na face de quem assim a insultava! E quantas, em represália indigna, mas justificada, não obtiveram a chave falsa libertadora das mãos do primeiro que lha ofereceu!

Os cintos que as nossas gravuras reproduzem são a síntese do barbarismo duma época, e a sua condenação enoxorável. Bastam êles para o libelo tremendo que arrasta

que estamos das trevas angustiantes da Média Idade. E a Mulher, nossa companheira de lutas e pesares, de desânimos e alegrias, sabe compreender, apesar de tudo, o abismo que nos separa dêsse negro ciclo por que passou a Humanidade.

Os êrros do Passado atenuam os do Presente; mas não os desculpam, antes as assinalam, para que sejam exterminados, a fim de não merecermos, no Porvir, a condenação que hoje nos merecem os maridos brutais de há quinze séculos.



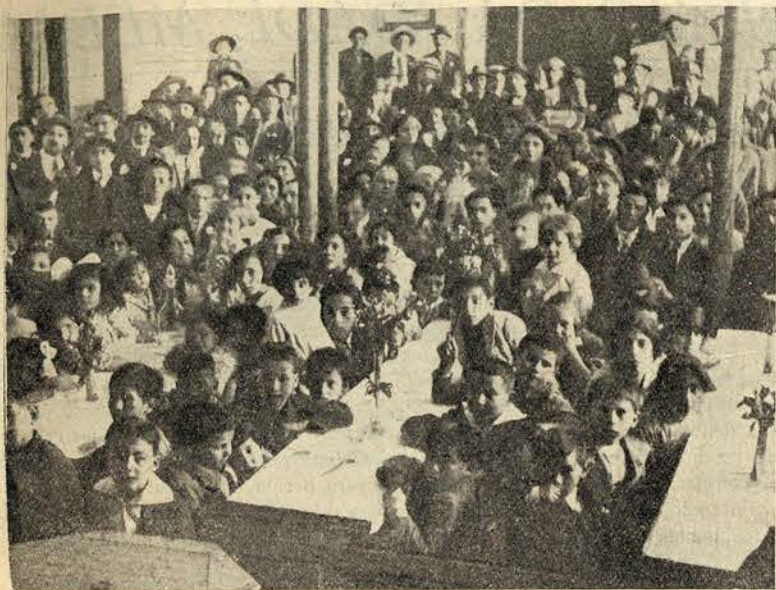
Mussolini centenário

O árabe Rasch Bey, que se tornou um *vidente* com categoria verdadeiramente universal, e cujas intrujissas são verdades serenas e respeitáveis para uma multidão de ingénuos ou parvos, ponde, quando, há poucas semanas o ditador italiano visitou o Norte de Africa, examinar a mão que há quatro anos vem estrangulando a Itália. Entre outras sandices, o *vidente* profetizou que Mussolini atingiria os cem anos no gôso pleno de todas as suas forças e saúde.

O *duce*, que tem actualmente quarenta e dois anos, ficou naturalmente satisfeitíssimo com esta promessa de longevidade feliz e sadia.

ACTUALIDADES

A SEMANA DA CRIANÇA



O lanche ás crianças no salão de festas e conferencias da Federação da Construção Civil



O orfeão infantil de «A Voz do Operario» que recebeu os pequenos das escolas da Construção Civil



Um aspecto do salão de «A Voz do Operario» durante a visita dos alunos das escolas da Construção Civil

Lisboa teve na penultima semana do mês findo uma animação invulgar e bizarra que lhe emprestaram as crianças das escolas que concorreram ás festas da Semana da Criança, tendo-se enchido de pequenada os jardins, os cinemas e as ruas.

De visita ao Jardim Zoologico e ao Parque Silva Porto, em Bemfica, as crianças das escolas da capital atravessaram, em carros electricos, as ruas da cidade, cantando alegres canções e agitando os lenços entre vivas á Semana da Criança e á Escola.

A Comissão Escolar do Sindicato Unico dos Operarios da Construção



Distribuição do lanche na Quinta da Fonte da Prata, na Vila da Moita



Um aspecto da distribuição de bolos ás crianças na Quinta da Fonte da Prata, propriedade do sr. Eloy Castanha

Civil tomou uma parte activa na Semana da Criança marcando pelo programa que organizou em que predominaram conferencias sobre educação por distintos professores, sendo de especializar a que realizou a profes-

sora sr.^a D. Judith Vieira. Tambem na Vila da Moita as festas da criança assumiram notavel brilho, constando de conferencias pela professora D. Vitoria Pais e dr. Rodrigues Migueis, de uma sessão solene e dum lanche, gentilmente servido por algumas senhoras na aprazivel Quinta da Fonte.

A Semana da Criança, iniciada entre nós pela Associação dos Professores de Portugal—este ano levado a efeito pela Liga de Acção Educativa, é uma iniciativa que o operariado e o professorado não devem deixar morrer.



Confraternização dos alunos das escolas da Vila da Moita, depois do lanche

SUPERSTIÇÕES

O CULTO DO AMOR NAS PLANTAS

CANTIGAS CABALISTICAS. — A FAVA NAS SUPERSTIÇÕES, NO ADAGIÁRIO E NOS CANCIONEIROS POPULARES. — UVAS, PERAS E MAÇÃS

A flora conta um sem número de plantas que serviram o amor e fizeram parte do ritual no antigo culto fálico ou religião sexual.

Enumerar por completo seria fastidioso, enquanto estudadas as plantas separadamente sob o ponto de vista das superstições, torna-se o assunto de veras interesse, além de assaz elucidativo.

O adagiário português, tanto como o elenco das nossas superstições, traz-nos a revelação, de um passado remoto, cheio de ensinamento sobre usos, costumes e tradições.

Assim, quando o povo para afirmar a certeza de um facto que se realisa, diz com certa ênfase: — «isso são favas contadas» — alude já inconscientemente á tradição cabalística que tiravam da contagem e dos numeros muitos indícios e prognósticos.

Na tradição popular ainda se encontram cantigas cabalísticas alusivas á superstição dos numeros:

«A' uma hora nasci
A's duas fui baptisado,
A's tres andava d'amores,
A's quatro estava casado;

«A's cinco esta doente,
A's seis estava adoentado
A's sete já estava morto
E ás oito sepultado.»

Os conceitos cabalísticos sobre amor são numerosos nas cantigas populares. Lembraremos por incidente mais alguns:

«Cinco com cinco são dez,
Não vi continha mais justa;
Mulher bonita casada,
Passar a vida lhe custa.»

As vezes o numero envolve a fatalidade amorosa:

«Sete anos andei de amores,
Outros sete hei-de andar,
Sete e sete são quatorze,
Amores me hão-de matar»

«Eu tenho quatro vestidos
Um branco, três encarnados,
Tambem tenho quatro amores,
Um firme, tres enganados.»

Tambem a linguagem popular regista numerosas frases de cabalismo numérico, a revelar que não só ás favas elle é applicado.

Quem haverá que não conheça o vulgar estrebilho: «Onze, redoze, vinte e quatro são quatorze». E quando se esclarece um acontecimento que andava attribuido a uma diversa causa, logo ha quem responda, em ar de finório:

«Isso agora são outros quinhentos!»
Tambem o povo diz cabalisticamente:

«Em Abril aguas mil
Coadas por um mandil
E em Maio
Tres ou quatro.»

Antonio Delicado, o nosso mais antigo anexirista, regista o seguinte anexim que era muito usado no século XVI:

— «Quem de trinta não pode, e de quarenta não sabe e de cinquenta não tem, nem pode, nem sabe, nem tem»

Deixemo-nos por agora de mais cabalismo e vamos á fava, desta vez sem segundo sentido.

No processo que a Inquisição de Evora moveu contra Luiz da Penha, acusado de feitiçaria, (Torre do Tombo ou Arquivo Nacional — março 841 N. 8179). le-se no articulado ou Provará 22.^o — o seguinte esconjuro.

«Minhas favas, minhas queridas favas, eu vos esconjuro, não como favas, mas como pessoas, com deos padre e deos filho e deos espirito santo e com a santissima trindade e com a hostia consagrada e com todos os esconjuros de Maria de Padilha, que me faleis verdade no que vos pergunto e quero saber».

Outra receita da mesma fonte a justificar a frase — «favas contadas» — que até nós chegou ainda em uso, é a seguinte.

«Tomam-se 9 favas machas e 9 femeas e um real e meio e uma pedrinha. Das favas machas tomarão uma, e far-lhe-hão um sinal para se conhecerem e das femeas tomará outra e fará tambem um sinal para se conhecerem, e se quizer saber cousa de homem ou de mulher, a fava macho para o homem e a femea para a mulher ha-de servir, e então tomará tudo junto e dirá: — Em nome de S. Pedro e de S. Paulo que se tal cousa ha-de ser (acontecer), fiquem juntas e senão apartadas.»

Ainda modernamente continua o cabalismo inconsciente nesta conhecida expressão — «Pagar as favas» — no sentido de responder moral ou materialmente, ficar acusado, injustamente incriminado.

Este culto e respectiva superstição vem de muito longe, de tempos assaz remotos.

Do paganismo Greco-Romano consta que nem a deusa Ceres nem Orfeu consentiram em alimentar-se de favas, nem que as servissem aos seus hospedes e comensais.

Tambem o filósofo Pitágoras as recusava e até mesmo as repelia por julgar ver nelas sangue ou animais,

Não faltavam outros sábios que as identificaram com os órgãos masculinos da geração. E' por demais sabido que os velhos Egípcios não comiam fava; consideravam-na planta sagrada, porque lhe attribuiam vida.

A Igreja quis assenhorear-se desta tradição, para o que attribuiu a uma Ana Catarina Emmerich umas alucinações violentas durante as quais ella julgou ter visto o Espírito Santo penetrar nos flancos da Virgem sob a forma de fava!

Esta versão, ao mesmo tempo que nos confirma no mau sentido que ainda hoje se dá á fava, mostra-nos na psicologia religiosa uma espécie de materialisação do Espírito Santo sob o aspecto de um legume e prova que, desde os principios do Catholicismo, tal materialisação não causava sensível repugnancia entre os crentes.

Para o grande orador romano, Cicero, a fava era um

legume impuro, prejudicial ao sangue, e com a deplorável propriedade de fazer inchar o ventre e excitar a sensualidade, determinando sonhos eróticos.

Quando, pelos seculos fóra até á actualidade, se procura o sentido folklórico da fava, nela e por toda a Europa, em parte da Asia e nas Américas, se encontram os vestígios do culto fálico simbolisado em ritos e costumes, ora de caracter funerário, ora de caracter erótico.

A fava entre nós, principalmente na linguagem da gíria portugueza, alude a uma parte do aparelho genital da mulher.

A expressão vulgar de «ir ao faval», tanto significa dar pancada em alguém, como desflorar uma virgem.

Trata-se evidentemente de um simbolo fálico empregado nos usos e costumes de sabor erótico.

Tambem o uso da fava dentro dos bolos em dias de grande festa é remoto, pois nos veiu das Saturnais da velha Roma. Era então costume meter dentro do Grande Bôlo servido aos comensais da officina uma fava que simbolisava o macho, e indicava para rei das Saturnais do ano seguinte a pessoa a quem ella cabia por sorte.

Até nós chegou este uso com o Bolo-Rei, cujo nome já por si recorda inconscientemente o culto orgiástico romano. Modernamente a fava não cai ao futuro rei, mas designa quem no ano seguinte terá de comprar e pagar o bolo.

Tambem pelo S. João as raparigas metem tres favas — uma vestida outra meio vestida e uma terceira nua ou descadada — debaixo do travesseiro, e dali tiram o vaticinio, se virão a ser ricas, remediadas ou pobres, conforme a fava que de madrugada, ao acordar, primeiramente lhes vier á mão.

Ha um provérbio antigo que queremos aqui relembrar, embora de ha muito tenha caído em desuso. Referimo-nos ao seguinte já um pouco esquecido.

— «Menina e vinha, peral e faval, maus são de guardar.»

Porquê? O sabor aerótico deste anexim, sem necessidade de recorrermos a filosofias mais complicadas, acha-se em cantigas que as raparigas da provincia cantam em roda nas noites de luar.

Assim da vinha, entre tantas outras, se cantam estas no Alentejo:

«Nina, dá-me o cacho duvas
E senão dá-me um baguiinho;
Dá-me minin' os três olhos
Pra andar melhor o camininho.»

«Tens á porta uma latada,
Por cima cachos ferrais;
Eu quero bem as Marias,
Mas ás Anas nada mais.»

Das pereiras, tanto como das amendoeiras e maceiras, e de todos mais ou menos conhecido que ellas são arvores de sentido erótico, tendo servido ao culto fálico em épocas primitivas.

Delas nos occuparemos oportunamente, bastando por agora aqui recordar aquelle velho anexim do seculo XVI, assás adequado ao nosso propósito:

«Ora, pela pèra e pela maçã,
Minha filha nunca se sant!»

No século XVII ainda nalguns logares as raparigas usavam cantar:

«Leva peras a capela
E já sabeis o provérbio:
«Quem a mim perinha manda
Tão antigo como velho.»

«Nestas peras que vos mando
Bem claramente conheço
Que tendes vós para pèras
Se o ditado fazeis certo.» (x)

Tambem nas rodas do Alentejo ainda hoje se ouve nos cantos populares:

«Dá-me tu da pèra parda,
Da maçã um bocadinho,
De teus braços um abraço
Da tua boca um beijinho.»

O' filha, deixa-te estar
Como a pèra na pereira,
Para te ver mal casada,
Quero-te antes ver solteira.

Da fava bastante já dito; vamos agora com uma que, a poder de popular e espartana, serve de bõm fecho a esta ligeira dissertação:

«Todos os favais teem favas,
Só o meu tem ervilhinhas;
Todas 'stão a conversar,
Só eu estou a dobrar linhas.»

E basta para evidencia a realidade das allusões eróticas que ainda se conteem nas superstições que envolvem certas flores, arvores e frutos.

O FERREIRO

Tens negro e branco nos dentes — tanto os jugos! —
mas a alma é um pedaço de alabastro.
Alma sublime, a tua fama alastro
pra que o mundo conhece as almas belas.

Quando á bigorna com vigor martelas
saltam fagulhas do teu rastro,
No ferro em brasa, rubro e quente rastro,
alegremente, vais forjando estelas.

Mas, vê tu desta vida os falsos trilhos
Repara como desce a maldição
sôbre quem dá ao mundo glória e brilhos.

O ferro que trabalhas com paixão,
para o tornar em berço de teus filhos,
vai servir-te de grade na prisão!

(INEDITO)

Maio-1926.

Bento Faria.

CARROÇAS DE MÃO

Os homens são os felizes mortais que embora não saibam ler, ouvem, pelo menos, falar em Progresso, em Justiça. Isto deve compensá-los de muitas amarguras.

Conforta saber, que em ultimo recurso, quando não se pode resistir mais, o homem pode exclamar: «Mas então não há Justiça?»



Moço de carroça Carlos Augusto, morador na Travessa do Tarujo 6, a Campolide de Baixo

Claro! Um burro, um cavalo não pode invocar o mesmo princípio.

Jámais alguém, nem talvez aos papagaios, terá ouvido o apelo supremo em que a Justiça é invocada como um direito conquistado através séculos de luta.

O mesmo em relação ao Progresso.

Um cavalheiro que possua alguns milhares de escudos considera uma grave ofensa à sua dignidade de homem do século XX, não se utilizar convenientemente de um automovel.

«Na nossa época a vida não pode ser compreensiva, sem uma garagem, como fazendo parte do conjunto de dependências de um prédio moderno.»

Assim se exprime o homem do nosso tempo, o homem que acompanha o Progresso da sua época.

Igualmente, um cavalo, quando cai numa ladeira e vê rolar sobre o seu ventre todo o peso da carga que transportava, não pode, como o homem, manifestar a sua revolta, pouco mais ou menos nestes termos:

«E' na verdade incompreensível, ó animais com raciocínio, que na época do camion e da locomotiva, eu caia numa calçada, como se fosse o proprio Progresso que se estatelasse.»

«Se vós, ó animais humanos, permitis tal afronta á vossa época, o vosso Progresso é uma grosseira mentira.»

Jámais alguém se recorda de ter ouvido a um cavalo este grito, na verdade bem justificado.

Os animais não podem invocar nenhum direito ás conquistas do Progresso e da Justiça. Esse direito é um atributo dos homens, é uma homenagem á sua inteligência.

Para que precisam os animais de justiça e de progres-

so, se eles não tem raciocínio para a compreender quanto mais para o invocar?...

São portanto os homens muito mais felizes.

O peor é quando vemos os homens a tomar o lugar dos animais. Então... Todo o optimismo desaparece.

Que pensar de um homem, de tantos homens, que numa cidade ingreme, como Lisboa, apparecem continuamente atrelados a carroças?

Onde está então o Progresso, a Justiça?

Que se agarre num animal que não sabe o que é progresso, que não tem a tortura-lo a noção da dignidade, e se acretente a um carro, com uma carga pesadissima, em nada o podemos ofender, em nada atacamos a sua integridade moral.

Mas o homem que inventou a moral, a Justiça, o progresso, conduzindo como um animal uma carroça, atira com todos os conceitos do progresso e da justiça para... para cima de todos os explorados como um requintado insulto.

Descobre-se agora toda a revoltante odisseia da exploração do homem pelo homem: Toda a tragedia humana do homem explorado e, ainda em cima, afrontado na sua dignidade. O cavalo não tem raciocínio e não serve fim outro cavalo. O homem tem sensibilidade, tem caracter, e coloca-se, diante de outros homens, na attitude a mais servil, copiada da attitude incoficiente dos animais. E porquê?

A resposta é horrivel. A revolta que saia do fundo de uma consciencia, tem a



Os moços de carroça da casa Barroso L.da, da Rua do Comercio, 67.

abafal-la milhares de vozes, pavorosamente humanas, que, por necessidade, se deixam explorar, se prestam a fazer, não já a concorrência aos seus semelhantes, abafando-lhes a revolta, mas concorrendo com os animais.

E' por isso que não ha muito tempo, um cronista, num sacasmo cruel, dizia ao ver um desses homens, que puxam as carroças de mão:

— Aquele homem, devia pertencer á Sociedade protectora dos Animais... mas como protegido.

VIDA DE EXPLENDOR E VIDA DE MISERIA

Os vapores como sintese da actual sociedade



Na primeira classe a opulencia...

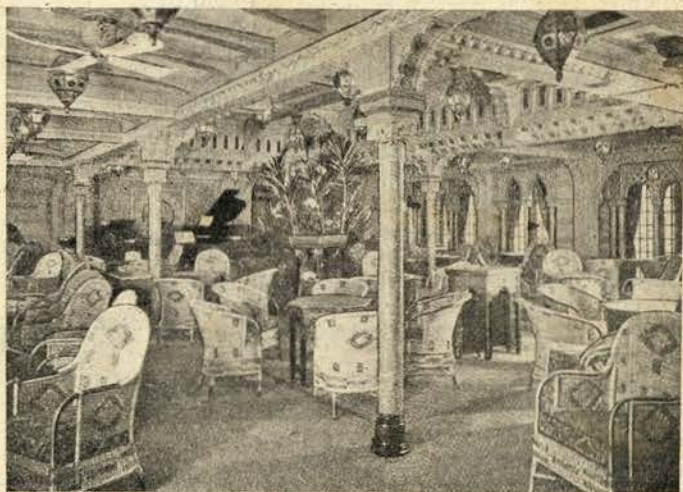
Em parte alguma como a bordo dos grandes navios, a sociedade se desvenda completamente, deixando cair todos os seus veos, ostentando todas as suas chagas. Um navio é um mundo em miniatura do mundo em que vivemos. É uma jangada dos preconceitos actuaes, flutuando impunemente ao longo dos oceanos bravios. É uma sintese formidavel desta sociedade de ouro e sangue, de capitalistas e esfomeados, que se vem arrastando em coleios de serpente, em sortidas de chacal, atravez dos seculos mortos até ao seculo em que vivemos.

Já Eduardo Zamacois, apesar de sua costumada frivolidade de viajante impenitente, assinalou o facto... Em parte alguma como nessas três classes em que se dividem os grandes transatlanticos, se encontra terrivelmente colocado o problema social. Eu tambem pude observa-lo nas varias vezes que costeei ou atra-

vessei o Atlantico. E a nostalgia que guardo dessas viagens, confunde-se na minha alma com uma recordação dolorosa.

A primeira classe é o luxo, a opulencia. Tudo ali está previsto: o menor capricho, a menor necessidade do passageiro. As conquistas da civilisação foram adaptadas ao meio, metidas em pequenos espaços, para que nada falte aos que viajam por deleite ou aos que dispõem de fortunas para viajar com conforto. Ha aposentos especiais — aposentos principescos, aposentos de soberbos palacios, de hotéis para imperadores e milionarios. Só com o premir o botão duma campainha, todos os desejos encontram rapida satisfação. Viajar assim é um enlevo, um sonho realiado, uma quimera miliemanoitesca.

Mas, ai! vinte metros mais longe, os aposentos principescos transformam-se em alfurjas, em cavernas, em paredes negras, sujas, exalando gorduras, suporejando asco. Escorrega-se no chão; ha um cheiro enjoativo de tintas, as lampadas electricas são escasas; falta luz ali, mesmo ás horas plenas do dia, mesmo quando o mar está iluminado pelo sol, mesmo quando as ondas se doçram e contorcem sob extranhas irisações. É a terceira classe... É o curral flutuante, onde vão os miseraveis, os emigrantes, aqueles que buscam em continentes longinquos



... e todos os requintes da civilização

o pão que a terra nativa lhes negou. Vão ali acumulados, envoltos em imundicie como animais. E até as suas risadas, as suas palestras, os seus jogos de cartas, teem um ambiente so-

turno, sombrio — um ambiente de literatur russa. Ha mulheres, ha velhos que mastigam palavras, que remoem pensamentos; ha crianças e homens; ha diversos idiomas; ha algaraviadas singulares e dolorosa promiscuidade de vidas. De quando em quando, de entre o rebanho humano, uma voz se eleva por cima da viola ou do *harmonium* e então uma dolente canção...

Dos tripulantes e dos outros passageiros, ha para estes, para os de terceira classe, um fundo desdem, um despreso absoluto.

Ainda recentemente fui convidado a visitar um novo paquete, um palacio flutuante, a ultima palavra em construcções navais — todos os logares comuns que se empregam para os novos vapores...

De facto, em conforto, em requinte, em opulencia, a primeira classe era uma maravilha. Dir-se-ia toda a civilisação europeia metida num grande palacio oriental.

Eu quiz, porem, vêr a terceira classe. Num vapor construido ha tão poucos meses, construido numa epoca em que a sciencia prega a necessidade de medidas sanitarias, de higiene, de conforto, de humanitarismo, enfim, não era possivel — pensava eu — que os construtores desse navio mantivessem aqueles currais que são as terceiras classes dos outros navios. Numa epoca em que até certos industriais se veem obrigados pelo espirito contemporaneo a refrear um pouco as suas ambições individuais, mandando construir pequenos bairros, pequenas casas para os operarios, não era possivel que uma empresa de navegação teimasse em manter nos seus mais recentes barcos aquelas imundas terceiras classes, tão parecidas com os porões dos negreiros que transportavam escravos das costas africanas para a America.

Ali, no barco novo, que com aquela viagem inaugurava a sua vida, pensara-se no conforto, na hygiene, na opulencia, na civilisação, no bem-estar, nas diversões, em tudo, em tudo — mas só para os que viajavam em primeira classe, no esplendor dos aposentos de luxo!

Os outros, os miseraveis, os humildes, os tristes emigrantes, esses foram esquecidos — para eles a civilisação, o conforto, a sanidade, a luz, eram coisas que não existiam, eram coisas desconhecidas nesse ano de 1925 em que esse vapor foi construido...

Tive de abandonar o lobrego recinto, porque me sentia sufocado de revolta, de indignação.

Quando voltei á primeira classe, um sexteto executava, no suntuoso salão de chá, musicas de Beethoven... Ali, ás mesas com embutidos, sobre tapetes de Smyrna, ricos exploradores argentinos, disfarçados de comerciantes, glabros piratas ingleses, mascarados de industriais, tomavam em companhia de suas mulheres, o chá das cinco...

Estes eram os que gosavam o suor conver-

tido em ouro, dos outros que iam lá em baixo, nos currais da terceira classe, procurar no novo continente o pão de cada dia.

Fora para aqueles que se inventou toda aquela opulencia, todo aquele conforto, toda aquela maravilha... — na primeira classe.

Para os outros bastava que eles construissem e alimentassem essa maravilha — não era necessario que a gosassem...

*
* * *

Percorrendo um vapor, como tantas vezes eu o fiz, encontram-se bem desnudados os três aspectos da nossa sociedade.

Na primeira, entre um luxo ilimitado, os poderosos; na segunda, entre um conforto discreto, os que a poderosos aspiram ser; na terceira, entre uma miseria absoluta, os humildes, os francamente humildes, os expoliados, os miseraveis, aqueles a quem é negada a alegria de viver — aqueles que sustentam com o seu trabalho, com o seu quotidiano sacrificio, a uns e a outros...

Ali é como em terra... A primeira, é das classes privilegiadas, a segunda, das classes «medias», a terceira, das classes «infimas...»

E se na primeira está o esplendor, se na terceira está a lobreguez, na segunda está a lrisão...

A segunda é bem uma irrisão — é bem uma mascarada. Ali vão os ambiciosos ainda não triunfantes, os que se deixam roer intimamente por todos os appetites; os que invejam os de primeira classe e os que despresam os de terceira.

Vão ali, por convencionalismo social, muitas vezes com sacrificio — vão ali como quem veste, para uma «soiree» de rigôr, uma casaca emprestada... A ambição oculta é a de viajar em primeira — é a de olhar para a segunda com o desdem com que os outros a olham, lá de cima dos conveses destinados á burguesia opulenta.

A segunda classe é falsa, ambiciosa, cheia de preconceitos, de aspirações de grandesa, tal como nas segundas classes de terra — nas classes medias...

Entre eles, há sempre um que vai ali por modestia, por indiferença ás afrontosas ostentações — que vai ali resignado com a sua vida, sem ambições comuns, sem invejas mesquinhas. Mas por mais que os outros se mascarem, esse homem sente-se deslocado, solitario, naquele meio convencional de individuos que ainda não chegaram á meta dos seus mais constantes appetites.

E' que a bordo está bem nitida, a actual sociedade, com todo o seu cortejo de iniquidades...

F. de C.

NEM AO MENOS COME

CONTO DE EDUARDO FRIAS

Vou ser apresentado a mr. Leon. Devo este incidente a um medico, um grande clinico devorado por um grande sonho de libertar a humanidade das anquilantes enfermidades sociais.

— Mr. Leon, dizia-me o medico, — num dos seus belos momentos de visionário, — não obstante o seu enorme abdome e a sua grande fortuna, é uma pessoa tra avel. Chega a ser um conversador amavel, e não será necessário um grande dispendio de observação para lhe notarmos um rosto simpatico, uns olhos ternos, como de um homem bondoso.

«Creia... Se não fosse o permanente contacto com o mundo dos negocios, esse homem, que é uma maquina de recolher dinheiro, seria uma pessoa interessante como possuidora duma grande sensibilidade. Mesmo assim, suponho que não será difficil enternece-lo e interessa-lo numa grande obra de solidariedade.

— Pense bem, doutor — lembrei — que monsieur Leon, é um grande capitalista. A sua fortuna foi arrebatada á actividade de milhares de criaturas que não teem abrigo, que morrem lentamente...

O doutor, num gesto largo de apostolo, iluminado, confiante, não me deixa concluir:

— Seja como for, é, será sempre interessante para o seu espirito, penetrar um pouco a psicologia dos homens de dinheiro. Você que é um rebuscador de almas, vai ter um grande campo de observação e espaço para revelar a sua tolerancia...

— Esse espaço é o interior do abdome de Monsieur Leon?

— Não ria meu amigo, e apareça munido da sua boa vontade. Se gosta de pesquisar almas, é bom, é excitante descobri-las onde todo o mundo supõe não as existir.

— Aparecerei doutor, com a minha boa vontade, e com um microscopio...

O doutor sorriu e entregou-me uma direcção marcando um encontro.

Monsieur Leon não pôde receber-nos no dia combinado. Meteu-se de permeio um conflito com os operarios de uma das suas fabricas.

— Até agora uma greve, — exclamava o meu amigo doutor. — Que agitação, que luta constante a daquele homem.

— E que o doutor interessa-lo numa obra de solidariedade!

— Quero convence-lo, falar-lhe ao coração. Bem vê... Esse homem vive numa atmosfera...

— Os vapores do ouro intoxicam...

— Oiça... Esse homem não pode conversar, trocar impressões, com o dinheiro. Creia que é isto. A sua volta ele vê só dinheiro, nada mais. Como pode ele formular uma ideia? É necessario alguém que o faça interessar pelas grandes questões da humanidade.

— E conta para isso, o doutor, com os olhos simpaticos de mr. Leon? É muito pouco...

— Conto com a sua ajuda... A imprensa é hoje um estado, o unico estado que se pode opôr ao império do dinheiro...

E enquanto assim conversavamos, a greve prolongava-se, Mr. Lèon não podia receber-nos, e os operarios, nos seus lares, viam as suas familias agonizando...

— Diabo... Mr. Lèon, não pode receber-nos ainda, e a greve já terminou. Agora é um conflito intimo, um drama pungente, familiar...

Mr. Lèon está de luto.

Uma filha suicidou-se. O pai expulsou-a de casa. Não permitia romantismos, melancolias, paixões. Sua filha amava, gostava de flores, lia muito... Mau caminho.

Odiava o dinheiro, a sociedade mundana, as convenções. O pai, pouco a pouco, cerceava-lhe as liberdades, por fim, depois de nma scena violenta, expulsou-a. Ela veio a aparecer morta no jardim, com um tiro no peito.

Emfim, cada vez tenho mais curiosidade em conhecer Mr. Lèon.

É pena que em vez de leão, não lhe chamei tigre, porque este homem é uma verdadeira fera, embora o doutor meu amigo teime em descobri-lhe uma oculta sensibilidade...

Recolho todas estas notas do meu livro de apontamentos. O doutor diz-me ás vezes que eu coleciono almas como quem cola selos, em preciosos albums...

Tem razão... Cada novo pormenor recolhido de um temperamento, é para mim como uma nova estampilha do mesmo desenho mas com uma nova cor.

Até agora, de Mr. Lèon, só conheço a cor negra... Se eu lhe apanhasse o branco... Aquele branco que simbolisa a pureza d'alma... Ainda que eu empregasse um microscopio...

Este homem não terá na sua vida alguma coisa branco?

O doutor está mais desiludido. Encontrou ao acaso, Mr. Lèon. Falou-lhe. Esgotou toda a sua veemencia. Mr. Lèon é um homem sem um ideal, sem uma preferencia sem uma paixão. Falaram de carinho, das crianças e dos velhos. Passaram sob a eloquencia do meu extraordinario amigo e doutor paisagens de ternura, creches, crianças felizes, mães confiantes, arvores, gorjeios de passaros, a vida que é mais bela, mais suportavel.

Mr. Lèon ouviu... É uma pessoa delicada... Perdeu algumas horas... ouvindo, mas não teve uma vibração...

Então eu explodi: — Mr. Lèon é um miseravel.

«Só tem um ideal: explorar. Uma missão na vida: recolher dinheiro. Uma função social: devorar. Seu enorme abdome diz tudo. Esse homem janta diariamente todo o necessario aos milhares de operarios que explora. É um monstro. É animal de forma humana com um estomago que só se satisfaz, devorando a existencia de milhares de criaturas...

Espantoso!...

Mr. Lèon convidou-me para jantar com ele. O meu amigo doutor está fóra. Não quiz perder esta oportunidade de conhecer tão precioso exemplar do capitalismo moderno. E fui... O jantar é o melhor elemento de estudo oferecido a uma curiosidade aguçada na ginastica a que me obriga a paixão pelos meus albums, pelos meus arquivos de alma.

E fui... E vi Mr. Lèon na fundamental função da sua existencia: — Comer.

Espantoso! Mr. Lèon não tem appetite. Faz dó ve-lo ás refeições. Come como um inocente pintassilgo... Foi sempre assim. Revelou-se um homem amavel. Lamentou-se de não poder acompanhar-me ao teatro. Detesta a arte. O seu abdome não lhe consente um passeio a cavallo, e uma doenca que ele procura encobrir não o

deixa viajar de comboio ou de automovel... Isto desde muito novo... desde os tempos em que não tinha fortuna...

Quando voltei a encontrar-me com o meu amigo doutor, não pude conter-me.

—Doutor... Mr. Leon é um miseravel... E' ignobil!... Fui jantar com ele.

—E então...

— Indignei-me... E' um rouxinol a comer... E' revoltante... Explora os operarios, mata uma filha, não tem o menor ideal, não vive para coisa alguma, e... nem ao menos come...

Edwards

O MUNDO CURIOSO

A hora de verão no seculo XVIII

Aqueles que estão sempre prontos a maldizer as inovações que as necessidades da vida moderna constantemente introduzem nos hábitos, mal sabem que muitas dessas medidas foram ha muitos anos reputadas indispensaveis, não sendo adoptadas unicamente pelo espirito indolente peculiar a todos os povos.

Estás nestes casos a «hora de verão», pois já no seculo XVIII, Benjamin Franklin, um dos maiores sábios de todos os tempos, a propuzera, em consequencia de haver verificado que o adeantamento dos relógios traria consigo o aproveitamento de numerosas horas de trabalho, sem para isso se tornar necessário uma alteração de horários difficil de levar a cabo com êxito.

Conta-se que, estando em Paris no verão 1777, fôra despertado por um belo raio de Sol, que parecia indicar-lhe poder dar mais util aproveitamento ao seu tempo. Reflectindo nisto, Franklin escreveu:

«Sem este incidente, eu teria dormido mais quatro horas, enquanto o Sol espalhava a sua luz plena. Por conseguinte, o meu serão prolongar-se-hia as mesmas quatro horas, á luz das velas, que é a forma de nos alumiarmos mais incômoda e dispendiosa. Pegando no lapis achei que só a cidade de Paris pouparia mais de 96 milhões de francos, em azeite e cera, se, durante os seis meses de verão, utilizasse a luz do Sol em vez da artificial.»

Nestes termos, justificava a reforma que propunha, — mas que só cerca de duzentos anos depois dele a haver imaginado veiu a ser adoptada.

A biblioteca de Nova York

Na América, tudo excede sempre um pouco as medidas usuais, para atingir por vezes dimensões quasi absurdas; assim, é natural que a Biblioteca Pública de Nova York seja verdadeiramente monumental. De facto, o edificio onde ella está instalada ocupa todo um quarteirão da Quinta Avenida. E' um imóvel gigantesco, em mármore branco, luxuoso como um palácio oriental.

Se bem que o mais notavel dessa biblioteca seja uma colecção de bíblias impressas em todas as linguas e dialectos, colecção que se diz ser a mais completa que existe no mundo, contem tambem cerca de um milhão e duzentos mil volumes destinados a leitura domiciliária. O movimento d'estes deve ser incessante, visto que só ano passado se registou o empréstimo de mais de dez milhões de volumes.

O segredo da mocidade eterna

O sonho irrealizado dos velhos alquimistas, que no fundo de seus misteriosos cadinhos obstinadamente procuravam o elixir da longa vida, parece haver sido descoberto por um professor de fisica chamado Georgia Knap, que ha muitos anos reside em Paris.

Este homem, que é um dos raros adeptos ainda existentes das doutrinas dos Rosa-Cruzes, era há dez anos um velho decrepito que atravessava a gare de Saint Lazare pensosamente, apoiado a uma forte bengala; hoje, por mais extraordinario que isto pareça, Knap apresenta-se como um homem pleno de vigor, do goso de excelente saude, de rosto remocado.

Não se trata de um fenómeno nem dum milagre. Knap, interrogado sobre a transformação operada no seu fisico, declarou que ella obedecia a um tratamento que descobrira, — mas que não revelava para evitar que dele se utilisassem «criaturas indignas de rejuvenescimento». Prolongar o período de que dispõe o homem para agir é uma responsabilidade que não quero tomar — acrescenta o joven-ancião, que, pelo visto, se achou bastante digno de prolongar a sua estada na Terra, mas ainda não descobriu pessoa alguma tão merecedora como elle.

As saias curtas

Nem todos os paizes receberam favoravelmente a moda das saias curtas. Alguns levaram mesmo a sua aversão ao ponto de as prohibirem, punindo com pesadas multas ou prisão as audazes elegantes que se obstinassem em cultivar essa moda higienica e gentil. No numero d'estes, conta-se a Grécia, paiz que só por fatalidade politica e geográfica é o herdeiro da Hélade maravilhosa de civilização e beleza.

Pois foi a Grécia pressurosa em legislar contra as saias curtas, constando-nos que não tem sido pequeno o numero de prisões effectuadas por desrespeito á lei. Porque, nem a ameaça da prisão poderá obrigar uma mulher a renunciar a andar á moda. Eis uma verdade que todos os dias as autoridades de Atenas veem confirmadas.

A Confederação Internacional dos Filatelistas

Filatelia se denomina a doença ou mania de colleccionar sellos. Entre os muitos males que affligem o género humano, não é este dos maiores, é forçoso confessá-lo; mas tambem não é dos menores. O filatelista é uma criatura perigosa, massadora, terrivel. Pede a toda a gente, com o maior descaramento; chega a exigir; quando não tem outro meio de obter o sello cubiçado, rouba. Os amigos, só os aprecia na proporção dos sellos com que cada um deles contribui para alimentar o seu vicio infrene; e escusa de pensar em ser amigo dum filatelista quem não tiver meio de arranjar meia dúzia de estampilhas carimbadas para o brindar todas as vezes que o encontre.

Pois estas criaturas, depois de terem conseguido organizar-se em federações nacionais, procuram agora criar uma confederação internacional. A ideia foi lançada no Congresso da Federação das Sociedades Filatelistas de França, últimamente realizado em Marselha, a ella deram já a sua adesão quasi todas as federações mundiais.

O Tabaco

Neste momento, em que a questão dos tabacos constituiu o assunto de muitas discussões, parece-nos interessante publicar a seguinte estatística do consumo desse esquisito vegetal em França. Vem num jornal de Paris:

Em 1816, os franceses fumavam (ou antes cheiravam e mascavam) 9.227 toneladas de tabaco; em 1855, o consumo elevava-se a 25.434 toneladas; em 1890, estava em 38.600, e em 1924, em 50.500 toneladas. Assim, até 1889, o consumo anual por habitante foi de 320 gramas; em 1890, de 970 gramas, e actualmente, de 1.250 gramas, pouco mais ou menos.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

Recebemos e agradecemos:

Entre Vinhedos e Pomares, novela de Mario Domingues. Edições Spartacus — 1926 — E' como se infere do prologo, que julgariamos dispensavel, a historia duma paixão amorosa do autor. Trata-se pois dum romance dum apaixonado e é... como todas as historias de namorados. Incontestavelmente bem escripto, este livro de Mario Domingues constituiu, certamente, pelo assunto escolhido, uma decepção para quantos admiram, como nós, as suas extraordinarias faculdades de escriptor vigoroso e elegante e de jornalista cambativo, e conhecem as suas ideias audaciosas, revolucionarias. Carlos Martins, o personagem do romance, é o autor do livro. Se isso não fosse dito no prologo, descobria-se no estilo da carta do Martins á sua Maria Luiza, absolutamente igual ao do livro todo, e até no emprego de certos termos como luminosidade e «donzela» do que Mario Domingues usa e abusa nesta sua novela.

Como literatura social, *Entre Vinhedos e Pomares* pode enfileirar-se ao lado dos romances anarquistas ingenuos e romanticos que nós lemos com embevecimento quando tinhamos 18 anos, idade em que o romantismo, quaisquer que sejam as ideias que se tenham, não entendia, pelo que se conclue que *Entre Vinhedos e Pomares* é leitura salutarmente recomendavel a adolescente de ambos os sexos.

No sertão d' Africa, contos tradicionais indígenas, por Manuel Kopke — Edições Spartacus 1926 — Apesar da horrenda capa que o envolve, contem este livro curiosos contos infantis colhidos pelo autor da tradição oral dos negros da provincia de Angola, e que, por constituirem ao mesmo tempo um belo estudo etnografico, interessam tambem os adultos. A linguagem é simples, despretenciosa e pitoresca. A pontuação é que é detestavel. Quanto á moralidade dos contos se exceptuamos a do primeiro, — os lobinhos não tiveram culpa da perversidade da mãe — o resto está bem.

A Farsa e Humus de Raul Brandão. Trata-se de edições feitas pela importante casa editora Aillaud e Bertrand destas duas obras de Raul Brandão consagrado como «um dos mais poderosos homens de letras da nossa terra». Nestes dois livros, como em *Os Pescadores* e *Os pobres* ha muita ternura pela desgraça e pela miseria. Pena é não haver simultaneamente um pouco mais de indignação pelas causas removiveis dessas miserias e desgraças...

Terra Mater por Henrique Costa — Parceria Antonio Maria Pereira, 1926 — São um feixe de cronicas escriptas por um jornalista. Quadros da vida e paisagens de Portugal. Ha um certo poder descriptivo, certa elegancia na prosa que não tornam indifferente o volume. Escusa porem, o leitor de procurar nestas cento e vinte paginas, uma ideia propria, um conceito, porque á coisa que o sr.

Henrique Costa não tem. E, sabe-se quem não tem não vende.

Paginas escolhidas por Afranio Peixoto — Livrarias Aillaud & Bertrand — E' uma antologia da obra do eminente escriptor brasileiro, autor dos romances *A Esfinge*, *Flor do Mato* e *Maria Bonita*. Escriptor burguês, de notaveis recursos literarios, explora o sentimentalismo das mulheres e os entrecchos angustiosos e os episodios de amor. Com a selecção de alguns dos seus trabalhos e de trechos dos seus romances, pretende-se tornar conhecido entre nós este escriptor brasileiro. Quer nos parecer, porem, que mais perfeito conhecimentos dele se toma lendo-se um dos seus romances completos, *A Esfinge* ou *Maria Bonita* por exemplo, os melhores quanto a nós, que áinda preferimos o primeiro.


Facetas d' Angola, por Amavel Granger. O autor é official do exercito e trata numa linguagem pretenciosa, rebuscada e torturada de alguns dos problemas de Angola merecendo particular destaque os que se referem a portos estradas, caminho de ferro, legislação etc. A edição é das Livrarias Aillaud & Bertrand.

Educação Social. O n.º 5, de 15 de Maio, desta excelente revista de pedagogia e sociologia que o illustre professor dr. Adolfo Lima com tanta proficiencia dirige, é colaborador pela Liga de Acção Educativa e contem o seguinte somario: *A Liga de Acção Educativa e a Associação de Professores de Portugal*; *A Liga de Acção Educativa* — Dr. F. Reis Santos; *Saber ler* — D. Beatriz T. de Magalhães; *O que é necessario fazer-se* — Manuel Lopes da Silva; *Lutemos pela Escola* — Mauro Pena; *Um dos caminhos a seguir pela Liga de Acção Educativa* — D. Victoria Pais F. de Andrade; *A Liga de Acção Educativa e a sua alta função social* — Manuel da Silva; *Estatutos e Regulamento da Liga de Acção Educativa*; *Pagina Selecta*; *Factos & Documentos*; *Livros & Revistas*.

Pigmalion, por Carlota O'Neill. Numero 31 de la Novela Ideal, editado por La Revista Blanca. Preço 50 cent. A' venda na nossa administração,

La Revista Blanca, n.º 72, de 15 de Maio. Sumario: *El Hombre y la Tierra* (continuación): Eliseo Reclus. — *Cartas de Miguel Bakunin* (Borradores inéditos; continuación). — *Las dos grandes unidades del porvenir*: Federico Urales. — *Los grandes problemas del alma humana* (III y último): Abate Viollet y Han Ryner (trad. de Elizalde). — *La vida en Paris*: Ch. Malato. — *La mujer nueva*: Federica Montseny. — *Ejemplares del pueblo*: Soledad Gustavo. — *La literatura española*: Augusto de Moncada. — *Divergencia entre eruditos*: M. Nettlau. — *Para el Museo Kropotkine*: J. Grave. — *El Caballero de La Barre*, novela histórica (continuación): Miquel Zevaco (trad. de S. Gustavo).

Seara Nova. O n.º 87 deste interessante semanario de doutrina e critica insere, como os anteriores, magnifica colaboração.



Renovação

REVISTA GRÁFICA

DE

NOVOS HORIZONTES SOCIAIS

Arte, Literatura, Actualidades

Aparece em 1 e 15 de cada mês

Número solto, 1\$50

CONDIÇÕES DE ASSINATURA:

Portugal, colonias e Espanha

3 meses	9\$00
6 "	18\$00
Ano	36\$00

Estrangeiro

6 meses	24\$00
Ano	48\$00

AGENCIAS

Paris — *Livraria Internacional* — Rue Petit, 14 (19^e).
New Bedford, Mass (U S A.) — *Livraria Contemporânea* — 56. Nelson St.
Argentina — *José Francisco de Jesus* — Cassilla, 19 — Comodoro Rivadavia Chubut.
Funchal — *Bureau de la Presse*.

ANÚNCIOS

No interior e última página da capa, ilustrados e a cores, preços convencionais com a

ADMINISTRAÇÃO

Calçada do Combro, 38-A — LISBOA

Não basta lêr a **Renovação**. É preciso espalhá-la! Se cada um dos seus actuais assinantes angariasse um assinante novo, **Renovação** poder-se-ia publicar com o dobro de páginas sem alteração de preço.

Renovação retribue as fotografias interessantes que lhe sejam enviadas pelos seus leitores sobre acontecimentos que interessem à vida operária, tais como: manifestações populares, grèves, congressos, comícios, desastres no trabalho, festas associativas, inauguração de escolas, cooperativas operárias, etc.